



O ENSINO DA QUESTÃO AGRÁRIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DE METODOLOGIAS DINAMIZADORAS: Experiências de Regência no Estágio Supervisionado em Geografia

SANTOS, Hellen Victoria Leal ¹
OLIVEIRA, Anízia Conceição Cabral de Assunção ²

RESUMO: O Estágio Supervisionado é um dos componentes fundamentais dos cursos de Licenciatura que se destaca por oportunizar riqueza de ampliação dos conhecimentos necessários à docência. O Estágio Supervisionado em Geografia III da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal da Bahia se ampara numa perspectiva de trabalho que valoriza a prática reflexiva. A partir do desenvolvimento das etapas de observação, coparticipação e regência, o presente trabalho tem como objetivo analisar as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado em Geografia III, realizado em escola da rede estadual da cidade de Salvador-BA, junto a uma turma do terceiro ano do ensino médio. Na fase de observação, foram identificados desafios relacionados à baixa frequência dos estudantes, reduzida participação nas atividades propostas, uso constante de dispositivos móveis e interesse predominante em tarefas avaliativas que envolvessem pontuação. Na etapa de coparticipação, ações colaborativas foram realizadas junto à professora supervisora, ao mesmo tempo em que ocorreu a intensificação do planejamento das aulas que seriam executadas, tendo como foco os desafios identificados. Já na fase de regência, foram ministradas aulas abordando conteúdos relacionados à Questão Agrária que buscaram mobilizar estratégias dinamizadoras por meio de metodologia e atividades problematizadoras, visando oportunizar maior participação da turma e construção de aprendizagem significativa. Conclui-se que a experiência do Estágio contribuiu significativamente para a compreensão dos desafios do ensino de Geografia na educação básica, evidenciando a importância da reflexão crítica sobre a prática pedagógica e da busca por metodologias que favoreçam um ensino mais contextualizado, dinâmico e significativo.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; Geografia Escolar; Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado constitui-se como um momento fundamental no processo de formação docente, uma vez que possibilita a articulação entre os conhecimentos teóricos construídos ao longo da graduação e a realidade concreta da prática escolar. Trata-se de um espaço privilegiado de observação, reflexão, experimentação e atuação pedagógica, no qual o licenciando passa a compreender, de forma mais profunda, as dinâmicas que envolvem o cotidiano da escola, a organização do trabalho docente, as relações entre

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - BA, hellensantos12@gmail.com;

² Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - BA, aniziacaoliveira@gmail.com.



professores e estudantes, bem como os desafios estruturais, pedagógicos e sociais que atravessam o ensino público brasileiro. Nesse sentido, o Estágio não se limita à simples aplicação de conteúdos, mas se configura como um campo de formação crítica, ética e profissional.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as experiências vivenciadas durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, desenvolvido em escola da rede estadual, localizada na cidade de Salvador, Bahia. O Estágio foi realizado em uma turma do terceiro ano do ensino médio, sob a supervisão da professora da disciplina de Geografia na referida instituição e orientação da professora responsável pelo componente. A escolha dessa escola e dessa etapa de ensino revelou-se significativa, pois permitiu o contato direto com estudantes em fase de conclusão da Educação Básica, momento marcado por expectativas, tensões e desafios específicos, tanto do ponto de vista pedagógico quanto social.

Durante o Estágio, foram vivenciadas as fases de observação, coparticipação e regência, possibilitando uma compreensão mais ampla da prática docente. A convivência com a professora supervisora contribuiu para o entendimento da organização das aulas e das estratégias de ensino de Geografia, enquanto a atuação com a turma evidenciou os desafios de tornar os conteúdos significativos para os estudantes do ensino médio. Paralelamente, os encontros com a professora responsável pelo Estágio Supervisionado na instituição de ensino superior favoreceram momentos de reflexão sobre os desafios da prática vivenciada, planejamento das metodologias e ações didáticas e troca de experiências entre os licenciandos, evidenciando que muitos das situações e desafios experienciados fazem parte de uma realidade mais ampla e complexa da educação pública.

A experiência foi marcada por desafios significativos relacionados à dinâmica da turma, especialmente no que diz respeito à baixa frequência e à limitada participação discente. Por se tratar de um período final do ano letivo, muitos estudantes já se encontravam aprovados e deixavam de comparecer às aulas regularmente, havendo regências realizadas com número bastante reduzido de alunos. Essa realidade exigiu constantes adaptações nas propostas pedagógicas e nas estratégias de ensino, além de um esforço contínuo para estimular a participação dos estudantes presentes, além da falta de recursos tecnológicos na escola e da dificuldade de uso dos poucos recursos que havia.



Outro fator que impactou diretamente o engajamento da turma foram os horários das aulas, realizados no primeiro horário da segunda-feira e no terceiro horário da quarta-feira, este último antecedendo o intervalo, o que contribuía para o esvaziamento da sala. Observou-se também que grande parte dos alunos demonstrava maior interesse em atividades que envolvessem pontuação, tornando necessária a negociação com a professora supervisora para atribuição de caráter avaliativo a algumas propostas. Ainda que com resultados limitados, essas experiências se mostraram formativas, pois possibilitaram o desenvolvimento de flexibilidade, criatividade e reflexão crítica sobre a prática docente e os desafios concretos do ensino público.

2 METODOLOGIA

O trabalho possui caráter qualitativo e natureza descritivo-reflexiva, fundamentando-se na sistematização das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado em Geografia III do IFBA. Como procedimento metodológico central, adotou-se a observação participante do cotidiano escolar, possibilitando acompanhar as dinâmicas da sala de aula, o perfil dos estudantes, as estratégias pedagógicas da professora regente e as condições estruturais da instituição de ensino. O registro dessas experiências ocorreu por meio de anotações sistemáticas realizadas ao longo das aulas e dos encontros da disciplina de Estágio na universidade, nos quais foram discutidos textos, metodologias de ensino e estratégias de planejamento didático.

O Estágio foi desenvolvido em três fases: observação, coparticipação e regência. Na observação, buscou-se compreender o perfil da turma, as práticas pedagógicas da professora regente e os principais desafios do ensino, como baixa frequência, pouca participação e uso constante de celulares em sala. Na coparticipação, foi realizada uma atividade de revisão com a construção coletiva de um mapa mental sobre a industrialização no Brasil, visando preparar os estudantes para uma avaliação. Já na regência, foram planejadas e ministradas cinco aulas sobre agropecuária, sustentabilidade, espaço agrário moderno, estrutura fundiária, conflitos no campo e reforma agrária, utilizando abordagem expositivo-dialogada, esquemas no quadro, análise de imagens, atividades comparativas e momentos de discussão para estimular a compreensão crítica das questões agrárias.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

FASE DE OBSERVAÇÃO

O período de observação constituiu-se como uma etapa fundamental do Estágio, pois possibilitou o reconhecimento do contexto escolar, do perfil da turma e das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. A observação permitiu compreender não apenas os conteúdos trabalhados, mas também as relações estabelecidas entre professora e estudantes, as estratégias de ensino utilizadas e as condições concretas que influenciam o processo de ensino-aprendizagem. Conforme destaca Cavalcanti (2012), compreender a realidade escolar é condição essencial para a construção de uma prática docente crítica e contextualizada, especialmente no ensino de Geografia, que se fundamenta na leitura do espaço vivido.

No que se refere ao perfil da turma observada, identificou-se um grupo de estudantes majoritariamente apático, pouco participativo e com frequência irregular, situação intensificada pelo fato de se tratar de uma turma de terceiro ano do ensino médio em final de ano letivo. Muitas aulas ocorreram com número reduzido de alunos presentes, o que impactava diretamente a dinâmica das atividades propostas. Mesmo entre os estudantes que frequentavam as aulas, observou-se baixa participação oral e pouca iniciativa para o diálogo, mesmo quando instigados. A participação, em geral, estava condicionada à atribuição de pontuação, e ainda assim exigia insistência constante da professora regente, evidenciando uma relação instrumentalizada com o conhecimento escolar, como apontado por Freire (1996), na qual o aprender perde seu caráter formativo e crítico.

Outro aspecto recorrente durante as observações foi o uso excessivo do celular em sala de aula, frequentemente como elemento de dispersão. Mesmo havendo pedidos de armazenamento dos aparelhos nas mochilas, os estudantes permaneciam conectados durante grande parte do tempo, demonstrando dificuldade de concentração e envolvimento com as discussões propostas. Esse comportamento revela desafios contemporâneos da prática docente, em um contexto marcado pela presença constante das tecnologias digitais, que, quando não mediadas pedagogicamente, tendem a reforçar a passividade discente (Libâneo, 2013). Observou-se, ainda, que o uso da tecnologia, quando proposto, ocorreu de forma pouco significativa, como no caso de uma atividade avaliativa de pesquisa sobre fontes de energia renováveis, na qual os estudantes limitaram-se a



copiar e colar informações da internet. No momento de sondagem oral realizada pela professora, ficou evidente que os alunos não haviam compreendido o conteúdo pesquisado, uma vez que não conseguiram responder a questionamentos básicos sobre o tema, o que evidencia a necessidade de práticas que promovem reflexão e apropriação conceitual.

No que diz respeito às práticas pedagógicas da professora regente, observou-se a predominância de um método de ensino centrado majoritariamente na exposição oral e no uso do quadro. A escola não dispõe de projetor em todas as salas, sendo necessário agendar com antecedência o uso de uma sala específica equipada para aulas com slides. Esse procedimento, contudo, torna-se pouco viável na prática, devido ao tempo de deslocamento, à dispersão dos estudantes durante o trajeto e à dificuldade de reorganização da turma, o que acaba desestimulando o uso de recursos tecnológicos mais dinâmicos.

Dessa forma, as observações realizadas evidenciam que os desafios enfrentados não se restringem ao comportamento dos estudantes, mas estão diretamente relacionados às condições estruturais da escola, às práticas pedagógicas predominantes e às limitações no uso crítico da tecnologia. Para o ensino de Geografia, tais aspectos são especialmente relevantes, uma vez que a disciplina demanda metodologias que favoreçam a problematização da realidade, o diálogo e a construção de conceitos a partir da vivência dos estudantes (Callai, 2005). Assim, o período de observação constituiu-se como um momento essencial para a compreensão dos limites e possibilidades da prática docente no contexto da escola pública, fornecendo subsídios importantes para a reflexão crítica e para a elaboração das etapas posteriores do estágio.

FASE DE COPARTICIPAÇÃO

A fase de coparticipação configurou-se como um momento de transição entre a observação e a regência, possibilitando uma atuação mais direta no processo de ensino-aprendizagem, sob o acompanhamento da professora regente e com a orientação da professora da disciplina de Estágio. Nessa etapa, houve participação de forma mais ativa nas aulas, contribuindo para o desenvolvimento de atividades, auxiliando na mediação dos conteúdos e iniciando o exercício do planejamento didático em contexto real, aspecto fundamental para a formação docente. Segundo Pimenta e Lima (2017), a coparticipação é um momento essencial para que o futuro



professor experimente a prática docente de forma gradual, desenvolvendo autonomia sem perder o suporte formativo.

Durante a fase de coparticipação, o conteúdo trabalhado pela professora regente era Industrialização no Brasil. Em diálogo com a professora da escola e com a docente da disciplina de Estágio III, foi planejada uma atividade de revisão por meio da construção de um mapa mental interativo, com o objetivo de retomar os principais tópicos do conteúdo para a avaliação que seria realizada na aula seguinte. A proposta buscava organizar visualmente os conceitos e estimular a discussão coletiva, permitindo que cada tópico fosse debatido durante a elaboração do mapa mental e favorecendo uma compreensão mais significativa do tema.

Além disso, a atividade teria caráter de revisão para a avaliação que seria aplicada pela professora regente na aula seguinte. Essa escolha metodológica dialoga com a perspectiva defendida por Cavalcanti (2012), ao destacar que o ensino de Geografia deve favorecer a construção ativa do conhecimento, estimulando o raciocínio geográfico e a compreensão crítica dos fenômenos estudados, e não apenas a memorização de conteúdos.

Entretanto, no dia da aplicação da atividade, a realidade da turma impôs limites ao planejamento previamente elaborado. Apenas quatro alunos estavam presentes em sala, evidenciando novamente a baixa frequência característica do período final do ano letivo. Apesar da quantidade reduzida de estudantes e do baixo engajamento apresentado por aqueles que compareceram, a atividade foi realizada conforme planejado. O mapa mental foi construído e os principais conceitos foram retomados e explicados, ainda que com participação limitada. Essa experiência reforça a compreensão de que o planejamento docente precisa ser flexível e constantemente adaptado às condições reais da sala de aula, como destaca Libâneo (2013), ao afirmar que o trabalho pedagógico ocorre em contextos concretos e marcados por múltiplas variáveis.

Paralelamente às experiências de coparticipação na escola, esse período foi marcado pela intensificação do planejamento das aulas de regência, desenvolvido nos encontros da disciplina de Estágio III. Esses momentos de planejamento foram amplamente discutidos, contemplando não apenas a seleção dos conteúdos, mas também a definição de metodologias e estratégias didáticas adequadas ao perfil da turma observada.



A professora da disciplina de Estágio enfatizava constantemente a importância da necessidade de promover a dinamização das aulas, por meio da inovação, da interação, da problematização dos temas, da utilização de abordagens metodológicas que valorizem o potencial crítico-reflexivo dos conteúdos, especialmente diante de uma turma marcada pela apatia e pela baixa participação. Essa orientação dialoga diretamente com a concepção freireana de educação, na qual o processo de ensino-aprendizagem deve ser dialógico, crítico e contextualizado, valorizando o estudante como sujeito ativo do conhecimento (Freire, 1996). Assim, a fase de coparticipação consolidou-se como um espaço de reflexão e preparação para a regência, permitindo articular teoria e prática e construir propostas pedagógicas mais conscientes e fundamentadas.

FASE DE REGÊNCIA

A fase de regência constituiu-se como o momento de maior aprofundamento prático e reflexivo do Estágio, uma vez que possibilitou a vivência direta da docência em Geografia, com planejamento, execução e avaliação. Essa etapa permitiu não apenas a aplicação dos conhecimentos teóricos e metodológicos discutidos ao longo da formação inicial, mas também a identificação concreta de situações-problema presentes no cotidiano escolar, exigindo do licenciando constantes adaptações, escolhas pedagógicas e posturas críticas diante da realidade observada. As aulas ministradas ao longo de três semanas abordaram os temas de agropecuária, sustentabilidade, espaço agrário moderno, questão agrária, estrutura fundiária, conflitos no campo e reforma agrária, organizados de forma sequencial e articulada, buscando favorecer a compreensão progressiva dos processos que estruturam o espaço agrário brasileiro. A escolha desses conteúdos dialoga diretamente com a Geografia Escolar crítica, que compreende o espaço como produto das relações sociais, econômicas e políticas, conforme defendido por Cavalcanti (2012).

Um dos principais desafios enfrentados durante a regência foi a baixa frequência e a pouca participação dos estudantes, característica já observada nas fases anteriores do Estágio. Diante desse cenário, tornou-se necessário investir em recursos didáticos acessíveis e estratégias de dinamização, capazes de estimular minimamente o envolvimento dos alunos presentes, mesmo em um contexto marcado pela apatia e pelo desinteresse. Assim, o uso do quadro, da apostila impressa, de atividades problematizadoras, de dinâmicas simples e, pontualmente,



de ferramentas digitais como o Kahoot, configurou-se como uma tentativa consciente de superar os obstáculos à aprendizagem.

A apostila elaborada para o trabalho com o tema Agropecuária e Sistemas de Produção funcionou como apoio visual e conceitual para a explicação, especialmente em uma turma com dificuldade de concentração e constante dispersão. A abertura da aula, baseada na ativação de conhecimentos prévios por meio da pergunta “O que vem à sua cabeça quando falamos em agropecuária?”, buscou valorizar os saberes dos alunos e promover uma aproximação inicial com o conteúdo.

O uso do quadro para construção coletiva de tabelas comparativas (intensiva/extensiva; familiar/empresarial) revelou-se um recurso eficiente para sistematizar conceitos abstratos, permitindo que os alunos visualizassem as diferenças entre os modelos produtivos. Ainda que a participação oral tenha sido limitada, essa estratégia favoreceu a organização do raciocínio geográfico, conforme propõe Cavalcanti (2012), ao defender o uso de esquemas, comparações e representações como instrumentos fundamentais no ensino de Geografia.

O conceito de Sustentabilidade foi trabalhado de forma contextualizada, com o apoio do quadro para síntese conceitual e construção do quadro comparativo entre modelos convencionais e sustentáveis. A comparação direta entre práticas produtivas permitiu evidenciar contradições do modelo agropecuário dominante, aproximando o conteúdo da realidade social e ambiental dos estudantes. Essa abordagem dialoga com a perspectiva crítica de ensino, que, segundo Freire (1996), deve problematizar a realidade e estimular a reflexão sobre os impactos das ações humanas no mundo.

O trabalho com o tema Espaço Agrário Moderno e a Globalização destacou-se pelo uso intenso do quadro como recurso de mediação pedagógica, especialmente por meio de esquemas visuais, como o desenho dos dois modelos de produção e do Complexo Agroindustrial (CAI). Esses esquemas facilitaram a compreensão da inserção do campo na lógica capitalista global, tornando visíveis relações que muitas vezes permanecem abstratas para os estudantes. A tabela construída coletivamente sobre os efeitos da Revolução Verde possibilitou uma leitura crítica da modernização agrícola, evidenciando que o aumento da produtividade não ocorre sem custos sociais e econômicos, como o êxodo rural e a dependência de grandes empresas.



O tratamento do tema Estrutura Fundiária e Concentração de Terras incorporou, além do quadro e da apostila, o uso de um recurso digital (Kahoot) como estratégia de encerramento e avaliação formativa. Embora o acesso à tecnologia tenha sido limitado, a utilização do Kahoot revelou-se um momento de maior engajamento dos estudantes presentes, ainda que pontual. Essa experiência evidenciou o potencial das tecnologias digitais como ferramentas motivadoras, mas também expôs seus limites em contextos de infraestrutura precária e baixa adesão discente. Conforme Moran (2015), o uso de tecnologias só se torna pedagogicamente significativo quando integrado a uma proposta didática clara e a condições materiais mínimas.

A aula sobre Conflitos no Campo e Reforma Agrária marcou o encerramento da regência e destacou-se pela aplicação da dinâmica dos “Cartões da Terra”, recurso didático simples, impresso e de fácil execução. Essa atividade permitiu simular conflitos reais por terra, colocando os alunos em contato com diferentes sujeitos sociais do campo. Apesar da participação restrita, a dinâmica favoreceu a compreensão do conceito de função social da terra e da Reforma Agrária como política pública, aproximando o conteúdo da realidade brasileira. Essa experiência reforça a importância de metodologias ativas e problematizadoras no ensino de Geografia, conforme defende Callai (2013).

De modo geral, a fase de regência evidenciou que, mesmo diante de limitações estruturais, baixa frequência e desinteresse discente, é possível construir práticas pedagógicas fundamentadas, críticas e coerentes com os pressupostos da Geografia Escolar. A autoavaliação das aulas ministradas aponta que os recursos utilizados cumpriram parcialmente seus objetivos, mas também revelaram a necessidade de constante reinvenção da prática docente, reafirmando o Estágio como espaço de aprendizagem, reflexão e construção profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do Estágio III, foi possível compreender que o ensino de Geografia exige constante reflexão sobre as condições concretas da escola, o perfil dos estudantes, os recursos disponíveis e as finalidades sociais do conhecimento geográfico.



As fases de observação, coparticipação e regência permitiram uma leitura crítica da realidade educacional vivenciada na escola parceira evidenciando desafios estruturais e pedagógicos, como a baixa frequência discente, a apatia dos estudantes, a escassez de recursos didáticos e a dificuldade de promover a participação ativa da turma. Tais elementos revelaram que o processo de ensino-aprendizagem está diretamente condicionado por fatores sociais, institucionais e culturais, reafirmando a necessidade de uma prática docente sensível, flexível e comprometida com a realidade dos sujeitos envolvidos.

A experiência de regência possibilitou o exercício da autonomia docente no planejamento, execução e avaliação das aulas, evidenciando a importância de metodologias que estimulem a problematização e o pensamento crítico. Percebeu-se que os estudantes demonstraram interesse pelas aulas, com aumento da participação dos estudantes. As aulas permitiram experimentar estratégias alinhadas à Geografia Escolar crítica e reafirmaram o papel do professor como mediador do conhecimento. Nesse processo, o estágio contribuiu para a construção da identidade docente, consolidando-se como um importante espaço de aprendizagem, reflexão e amadurecimento profissional.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia**. Ijuí: Unijuí, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAN, José Manuel. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação **hoje**. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.